

### 3. A experiência da separação para os imigrantes

Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RESSTEL, CCFP. A experiência da separação para os imigrantes. In: *Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 79-86. ISBN 978-85-7983-674-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

### 3.

## A EXPERIÊNCIA DA SEPARAÇÃO PARA OS IMIGRANTES

O mundo, hoje, exige maior plasticidade do sujeito quanto às suas referências identitárias e faculta experiências de mobilidade, desenraizamento, nomadismo, desterritorialização e tantas outras que rompem com experiências marcantes de outras épocas quando predominava o sedentarismo. No entanto, o deslocamento de um lugar a outro, de uma cultura a outra, é acompanhado de grandes dilemas, dificuldades e desafios, sobretudo no plano psicológico. A adaptação ao novo lugar, à nova cultura, a um novo país, mobiliza figuras e processos de subjetivação bastante enraizados e básicos no funcionamento psicológico.

Freud (1893-1895/1996) considera que uma das formas de expressão da não adaptação pode se configurar nos sintomas histéricos, trazendo efeitos e resíduos de excitações que atuaram sobre o sistema nervoso como traumas. Na histeria, considera-se que uma parte dessa soma de excitação do trauma é transformada em sintomas puramente somáticos. Outras maneiras de adoecer podem se impor e dependerão do quanto cada indivíduo tenha se desenvolvido emocionalmente.

Uma das ansiedades básicas estruturantes das relações do Eu com o mundo emerge nas primeiras experiências de separação entre o bebê e a mãe, à medida que se instala o reconhecimento, por parte

do bebê, da existência autônoma e independente de si mesmo e do mundo à sua volta.

Para Quinodoz (1993, p.46):

Os processos de diferenciação e de separação estão estreitamente relacionados com o trabalho de luto, porque aceitar separar-se de outra pessoa implica não só a capacidade de efetuar um trabalho de luto a nível da [sic] relação entre duas pessoas, uma aceitando separar-se da outra, mas também a capacidade de efetuar o trabalho de luto a nível do ego [sic], o que supõe a renúncia à fusão com o objeto do qual se separa, um aceitando diferenciar-se do outro.

Nessa linha de pensamento, Winnicott (1896-1971/2005, p.26-7) assinala que:

O *holding* tem muita relação com a capacidade da mãe de identificar-se com seu bebê. Um *holding* satisfatório é uma porção básica de cuidado, só experimentada nas reações a um *holding* deficiente. O *holding* deficiente produz extrema aflição na criança, sendo fonte da sensação de despedaçamento, da sensação de estar caindo num poço sem fundo, de um sentimento de que a realidade exterior não pode ser usada para o reconforto interno e de outras ansiedades que são geralmente classificadas como “psicóticas”.

Uma das primeiras indagações que surge, diante da importância e da dificuldade da elaboração matricial da separação mãe-bebê, é sobre a mobilização e a eventual irrupção, na experiência dos filhos dos *dekasseguis* e até mesmo neles próprios, das ansiedades que acompanham vivências ontogenéticas de separação. Então, o abandono do solo natal ressuscita antigas ansiedades depressivas? Outros questionamentos também emergem dessa situação, tais como: as crianças, ainda não inteiramente assentadas na experiência de distanciamento dos pais e de outros objetos com os quais já desenvolveram vínculos emocionais, sofrem com a iminência de uma separação mais acentuada, tanto na realidade como no simbólico?

O retorno ao Brasil acrescentará outras separações dolorosas com objetos e vínculos, desta vez deixados no Japão? O reencontro com familiares brasileiros e a evocação de outras imagens de amparo e de vinculações anteriores minimizam os efeitos das sobreperdas que ocorrem no retorno?

Por meio da minha própria experiência de vida no Japão, pude constatar que não somente eclodem sentimentos básicos, constitutivos da estrutura e do funcionamento psicológico, como também se desencadeiam crises na articulação da experiência da realidade com conteúdos e estruturas psíquicas consolidadas ou em formação. Tais crises soam como experiências traumáticas diante da dificuldade de assimilar, elaborar e responder adequadamente às estimulações e excitações provenientes de uma realidade estranha e desconhecida.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p.522), “o termo ‘trauma’ vem do grego e significa ferida e deriva de furar, designa uma ferida com efração”. Os termos *trauma* e *traumatismo* são considerados sinônimos na Medicina. O traumatismo define-se como econômico por uma quantidade excessiva de excitações em relação à tolerância do sujeito e à sua capacidade de dominar e elaborar emocionalmente estas excitações. Ocorre de duas formas: positiva, quando o indivíduo se adapta ao novo ambiente e elabora a situação traumática; e na situação oposta, quando não consegue elaborar a situação traumática, em que afloram sentimentos de ansiedade, perigo, chegando a um estado de desamparo e adoecimento.

Freud (1925-1926/1996) definiu inicialmente, em 1894, a ansiedade como a transformação da tensão acumulada. Depois, em “A interpretação dos sonhos” (1900), a ansiedade é considerada um impulso libidinal cuja origem está no inconsciente e é inibida pelo pré-consciente. Freud (1925-1926/1996, p.83), na quarta edição de “Os três ensaios”, salienta que a ansiedade neurótica tem origem na libido, que é produto de sua transformação e que se relaciona com ela “da mesma forma que o vinagre com o vinho”. Freud não considerava mais a ansiedade como libido transformada, e sim como uma reação específica a situações de perigo. Em 1933, na Conferência XXXII de suas “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise

e outros trabalhos” (Freud, 1932-1936/1996), sugere que também a neurose de angústia surge da ansiedade, uma reação relacionada com a situação traumática. Classifica-a em ansiedade realística, quando o perigo é conhecido; neurótica, quando provocada por um perigo desconhecido; automática, quando o ego não está preparado para tal experiência; e ansiedade de sinal ou de alarme, que corresponde à vivência de um perigo ocorrido anteriormente e que agora se repete de forma atenuada como um sinal de alarme. O que determina a ansiedade automática é a ocorrência de uma situação traumática, e sua essência é uma experiência de desamparo por parte do ego diante de um acúmulo de excitação, seja de origem externa, seja de origem interna, com o qual não consegue lidar. A ansiedade, de sinal ou de alarme, é, então, a resposta do ego à ameaça ou à possibilidade de ocorrência de uma situação traumática.

Freud (1925-1926/1996) esclarece que a ansiedade é algo que se sente, portanto, é um estado afetivo. A ansiedade é resultado de um aumento de excitação, que, por um lado, produz o caráter de desprazer e, por outro, encontra seu alívio por meio dos atos de descarga. Segundo o autor, quando a criança descobre, pela experiência, que um objeto externo perceptível pode pôr termo à situação de perigo, revive o nascimento. Nesse caso, o conteúdo do perigo que ela teme é deslocado da situação econômica para a condição que determinou essa situação, a saber, a perda do objeto. É a ausência da mãe, por exemplo, que agora constitui o perigo, e logo que surge esse perigo a criança dá sinal de ansiedade, antes que a temida situação econômica se estabeleça. Essa mudança constitui a primeira reação de providência adotada pela criança para sua autopreservação e representa, ao mesmo tempo, uma passagem do aparecimento automático e involuntário da ansiedade para a reprodução intencional da ansiedade como sinal de perigo. O fenômeno automático é um sinal de salvação, que considera a ansiedade um produto de desamparo mental da criança, o qual corresponde naturalmente a seu desamparo biológico.

Na realidade, é provável que as primeiras repressões, bem como a maioria das seguintes, sejam motivadas pela ansiedade do ego, no

tocante a processos do id. Uma situação semelhante ao trauma de nascimento se estabelece no id, seguindo-se uma reação automática de ansiedade. Assim, o perigo psíquico é equivalente ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo. A geração de ansiedade provoca a geração de sintomas em movimento e, na realidade, é um requisito prévio dele, pois se o ego não despertasse a instância de prazer-desprazer, gerando ansiedade, não teria força para paralisar o processo que está preparando no id e que o ameaça com perigo.

Para Rank (apud Freud, 1925-1926/1996, p.147), “o processo de nascimento é a primeira situação de perigo, e a convulsão econômica que ele produz torna-se o protótipo da reação de ansiedade”. Conforme Freud (1920-1922/1996), a ansiedade é um estado particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele, ainda que possa ser desconhecido. O medo exige um objeto definido de que se tenha temor. Susto, porém, é o nome que se dá ao estado em que alguém fica quando entra em perigo sem estar preparado para ele, dando-se ênfase ao fator surpresa.

Para Freud (1925-1926/1996), o verdadeiro perigo é um perigo conhecido. Nesse caso, a ansiedade é realística. A ansiedade neurótica é a ansiedade provocada por um perigo desconhecido, que tem ainda de ser descoberto. Trata-se de um perigo real pulsional, que leva esse perigo não conhecido do ego até a consciência. Existem duas reações ao perigo real: uma é a reação afetiva, repentina, da ansiedade; a outra é a reação protetora. A análise deve revelar que, além do perigo real conhecido, há um perigo pulsional desconhecido.

Situação de perigo, segundo Freud (1925-1926/1996), consiste no julgamento do paciente diante da própria força, em comparação com a amplitude do perigo e o seu relacionamento de desamparo em face desse perigo: desamparo físico, se o perigo for real; e desamparo psíquico, se for pulsional. Ao proceder assim, o indivíduo se orienta pelas experiências reais que teve. Denominamos essa situação de desamparo de situação traumática.

Freud (1925-1926/1996) ressalta, ainda, que o indivíduo terá alcançado importante progresso em sua capacidade de autopreservação se puder prever e esperar uma situação traumática dessa espécie,

ou seja, que desencadeia desamparo, em vez de esperar que ela simplesmente aconteça. Na expectativa de uma situação de perigo, o sinal da ansiedade é emitido. A ansiedade, por conseguinte, é uma expectativa de um trauma e também uma repetição dele em forma atenuada. Assim, os dois traços de ansiedade percebidos têm uma origem diferente. Sua ligação com a expectativa pertence à situação de perigo, ao passo que sua indefinição e falta de objeto pertencem à situação traumática de desamparo. Ansiedade-perigo-desamparo (trauma) – presume-se agora que a situação de perigo seja uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo. A ansiedade, reação original ao desamparo no trauma, é reproduzida depois da situação de perigo como um sinal em busca de ajuda. O ego, que experimentou o trauma passivamente, agora o repete ativamente, em versão enfraquecida, na esperança de ser ele próprio capaz de dirigir seu curso. A importância decisiva cabe ao primeiro deslocamento da reação de ansiedade de sua origem na situação de desamparo para uma expectativa dessa situação, isto é, para a situação de perigo e, posteriormente, para o determinante do perigo como a perda do objeto e das modificações dessa perda. Isso pode estimular o indivíduo a permanecer no estado de infância, cujo período de vida se caracteriza por desamparo psíquico e motor.

Para Freud (1925-1926/1996), há uma ligação estreita entre a ansiedade e a neurose, visto que o ego se defende contra um perigo pulsional com a ajuda da reação de ansiedade, do mesmo modo que o faz contra um perigo real externo. Frequentemente, uma exigência pulsional torna-se um perigo interno, desde que a satisfação provoque um perigo externo, uma vez que o perigo interno representa um perigo externo. Portanto, o perigo externo (real) deve ser internalizado para ser significativo para o ego. Ele deve ter sido relacionado a certa situação de desamparo já experimentada. À situação traumática, na qual o paciente está desamparado, convergem perigos externos e internos, perigos reais e exigências pulsionais. O desamparo do motor do ego encontra expressão no desamparo psíquico.

Considerando todo esse processo psíquico sobre a teoria do trauma psíquico, neste trabalho pretendemos nos ater à situação

das crianças que deixam seu país de origem para viver em outro país – neste caso específico, a ida ao Japão – e, depois de um período, retornam a ele para viver em um ambiente modificado pelo tempo, enfrentando adaptações. Esses indivíduos revivem a experiência da separação para se adaptar ou não ao novo ambiente, ou seja, uma experiência traumática de vivência primitiva é atualizada, interferindo no processo de adaptação?

Os indivíduos, quando retornam ao seu país, se veem diante de uma segunda situação de separação e de convívio com um novo ambiente, reagindo de maneiras específicas. Aqueles que conseguem elaborar ou superar experiências traumáticas progressas terão se desenvolvido para atingir a adaptação à nova situação, mobilizando recursos internos e psíquicos para enfrentar o novo ambiente e as condições que eles mesmos lhes impõem. Porém, aquelas pessoas que passam por experiências traumáticas e que não conseguem enfrentar ou superá-las adequadamente com mecanismos que possibilitem a adaptação recorrem provavelmente a defesas de maneira patológica e adoecem. As manifestações de sintomas – somáticos, afetivos ou comportamentais – estarão presentes em muitos que retornam para o Brasil, e por isso necessitam de acompanhamento psicológico e psiquiátrico. O desamparo mobilizado nessas pessoas pode ser considerado, baseando-se em Freud (1925-1926/1996), semelhante ao vivenciado no trauma do nascimento.

A experiência de se perceber sozinho em um novo ambiente leva o indivíduo a se sentir único e separado. Diante dessas impressões, surgem a dor, o sofrimento da perda e as renúncias, como à própria liberdade, para que possa se adaptar de acordo com as exigências da realidade externa.

Para Winnicott (1975, p.133):

Freud, em sua topografia da mente, não encontrou lugar para a experiência das coisas culturais. Deu um novo valor à realidade psíquica interna e disso proveio um novo valor para coisas que são reais e verdadeiramente externas. Freud utilizou a palavra “sublimação” para apontar o caminho a um lugar em que a experiência cultural é



significativa, mas talvez não tenha chegado ao ponto de nos dizer em que lugar, na mente, se acha a experiência cultural.

Ele acrescenta que:

O trauma implica que o bebê experimentou uma ruptura na continuidade da vida, de modo que defesas primitivas agora se organizaram contra a repetição da “ansiedade impensável” ou contra o retorno do agudo estado confusional próprio da desintegração da estrutura nascente do ego. (Winnicott, 1975, p.135)

Julgamos ser importante refletir sobre essa questão, pois as crianças que aqui nasceram e migraram com os pais para o Japão passam pela angústia da separação, revivendo o trauma do nascimento, e ao retornarem passam novamente por uma separação, que igualmente gera angústia, levando-as a reviver o trauma do nascimento – apesar do retorno à terra-mãe, considerada o útero materno – para enfrentar novas diversidades em um mundo entre o reconhecido/desconhecido. Redescobrem as sensações de estar só, diante do conhecido. Enfrentam a desconstrução da cultura japonesa internalizada (língua e linguagem, gestos, comportamentos, comida, espaço físico, fantasias, relações objetais etc...) e a reconstrução do novo “eu” em seu próprio país de origem, com sentimentos de impotência e de esperança.